

Já fazia seis dias que viajavamos na região do Médio Tocantins, puxando com dificuldade a canoa sôbre as pedras traiçoeiras das corredeiras do Rio Bacuri e avançando aos tropeções pela picada aberta no chão encalombado da mata quase virgem. O sol já estava alto quando atingimos a área onde vivem os Paracanás, os lendários índios brancos, apontados por muitos gateiros (caçadores de onça) como homens de dois metros de altura.

De repente, fomos surpreendidos por um bando de homens nus, altos, de cabeças raspadas, de peles vermelhas pintadas com urucum, berrando como feras assustadas e exalando um cheiro forte de bicho do mato. Em meio minuto fomos despojados de tudo, num autêntico assalto selvagem.

– São os Paracanás, não reajam!... – avisou o sertanista João de Carvalho.

– “Mu ê pa, Muiruiru?” (O que é isso, chefe?) – perguntou um dos índios, enquanto apalpava a bolsa recheada de presentes de nosso guia, que fazia lembrar um Papai Noel seminu.

Os Paracanás são tupis-guaranis e nunca ouviram falar no bondoso São Nicolau. Mas para eles há sempre uma alegria parecida com a de Natal, quando encontram “turis” (civilizados) atravessando a selva. Na lei local, o “turi” tem que ser primeiro despojado de seus haveres e depois submeter-se à “operação raspa-cabeça” na base do capim-navalha. E isso se tivesse a sorte de ser considerado “paché” (amigo), o que felizmente era o nosso caso.

FERNANDO PINTO e VIEIRA DE QUEIROZ, repórteres de O CRUZEIRO, conseguem chegar à longínqua e (até então) desconhecida aldeia dos lendários índios “gigantes” do Tocantins



ÍNDIOS B PARACANÁS: UMA L

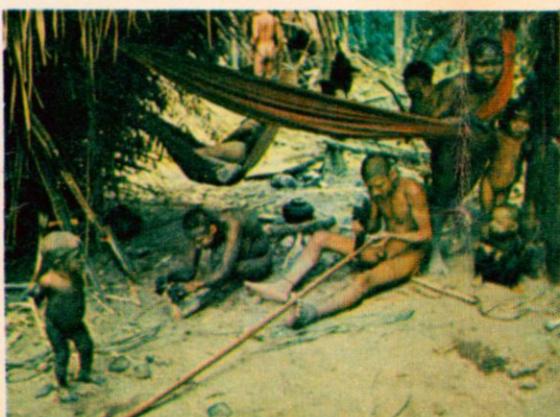


RANCOS

ENDA NA SELVA

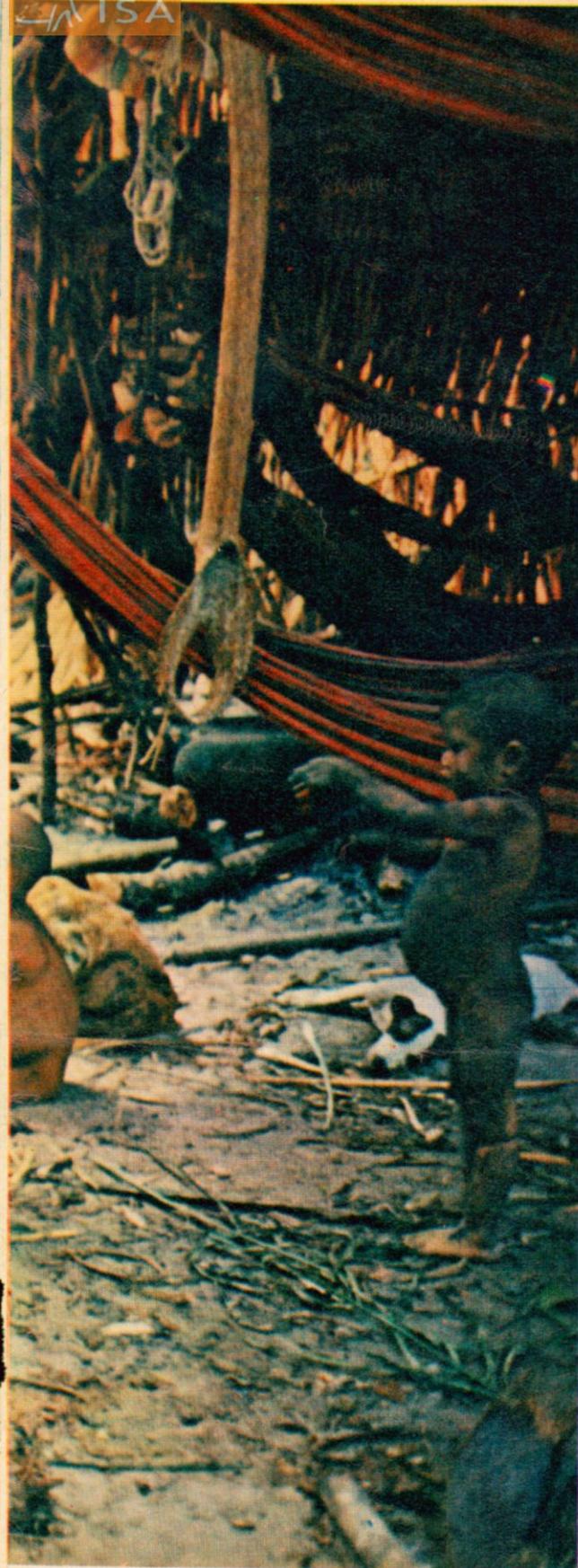


Na aldeia dos Paracanãs, o frio e a umidade são afugentados por meio de pequenas e permanentes fogueiras, sob as rêdes dos casais.



“Tataí” é um tipo de cipó que o índio usa para fazer fogo, com base no atrito. Faz faísca e produz calor

Caminhamos com dificuldade, agora já bem próximos da aldeia dos Paracanãs, mas devidamente escoltados por eles. Capengando e apoiado num bastão improvisado, sinto que as minhas pernas já não agüentam mais um metro de trajeto, particularmente os meus pés inchados que derrapam a todo momento no chão disforme, cheio de tocos, cipós e espinhos, atapetado por traiçoeiras fôlhas escorregadias, intercaladas em certos trechos por verdadeiros pântanos de tabatinga pegajosa. Sou o último da coluna por um, isto é, sou o último na fila dos turis, pois há um índio bem atrás de mim, o que me dá a estranha sensação



“Tataí” quer dizer: “De onde vem o fogo”.

de que somos prisioneiros deles. Minha resistência física chega a zero e faço “alto” por conta própria, ao mesmo tempo que jogo nos pulmões golfadas de ar quente, úmido, pesado. E quase simultaneamente sinto uma cutucada fina nas costelas, provocando um arrepio na minha nuca.

— “Erê, erê!...”

Esta foi com certeza a primeira palavra tupi, do dialeto *Paracanã*, que aprendi na selva, tudo por uma questão de persuasão óbvia que começou na mímica de uma enérgica cutucada. “Erê” quer dizer: “vá em frente”, “caminhe”, “não fique pa-

rado”. E pela cutucada era fácil adivinhar que o índio já estava ficando nervoso, o que não representava bom sinal para mim, levando em conta que eu pretendia voltar para escrever sobre aquela estranha aventura vivida na mata fechada das cabeceiras do Rio Bacuri e dos igarapés Lontra e Feio, território livre dos *Paracanãs*.

— “Turi a xaricá/branco quando anda paranu a xaricá/se sacode todo paranu ra no/e conversa muito...”

João de Carvalho, na cabeça da coluna dos *turís*, canta a plenos pulmões uma canção *Paracanã*, enquanto os índios ouvem com respeito. Os *Paracanãs* gostam de canções. João, que é sertanista por vocação, gosta de cantar para eles. João ama os índios. João ama a selva. Mas eu não, até muito ao contrário. Não sou de selva e sinto verdadeiro pavor por cobra, principalmente de uma cobra chamada *surucucu pico de jaca*, que infesta esta região e que tem um certo veneno especial contra o qual ainda não foi descoberto um antídoto à altura — pelo menos foi o que me informaram pessoas entendidas. Mas já estou tão cansado que nem as cobras venenosas conseguem me aterrorizar. Estou tão cansado que arriscaria a vida em troca de um bom cochilo, aqui mesmo neste chão molhado e traiçoeiro.

— “Muiruiru turi, Muiruiru turi!...”

Há gritos e braços abertos do outro lado do igarapé. A *picada* também se abre numa clareira enorme, ornamentada por palmeiras (açaizeiros e babaçuzeiros), onde umas 30 “casas” cobertas apenas por folhas de babaçu compõem o mais estranho conjunto habitacional que conhecemos. Chegamos ao paraíso dos *Paracanãs*.

ÉLES JÁ SE TRANSFORMARAM EM LENDA DE “BICHO-PAPÃO” PARA AS CRIANÇAS

Na farta bibliografia sobre os hábitos e origens dos índios brasileiros, de autoria de 77 etnólogos nacionais e estrangeiros, só há uma pequena referência a respeito dos *Paracanãs*, folheto editado em 1961 e assinado por Expedito Arnaud: “Breve notícia sobre os Índios Asurini e Parakanans, rio Tocantins, Pará”.

O delegado da Fundação Nacional do Índio, em Belém, coronel Antônio Augusto Nogueira, faz uma **estimativa da população *Paracanã***, com base em informações esparsas de sertanistas e mateiros que conhecem a região do Médio Tocantins: há cerca de **700 índios *Paracanãs***, distribuídos em **quatro aldeias independentes**, sem nenhum tipo de relacionamento com grupos civilizados, a não ser a tribo que ainda está em fase de “namôro” (aproximação) com o sertanista João de Carvalho, o primeiro homem

branco que está conseguindo conquistar a confiança dos *Paracanãs*.

— Esse *namôro* — afirma o delegado da Funai — ainda está numa faixa perigosa, pois só começou há nove meses e ainda continua na fase de troca de presentes. Toda precaução é pouca para que esse trabalho de diplomacia na selva obtenha frutos duradouros. Os *Paracanãs* têm razões de sobra para desconfiar dos civilizados, e uma tarefa de aproximação exige disponibilidade de tempo, além de uma boa quota de paciência que tem de se estender, às vezes, por vários anos.

Já se falou muito, mas pouco se sabe oficialmente em detalhes sobre os *Paracanãs*, índios em que até mesmo as crianças da região paraense do Tocantins já ouviram falar pela boca de pais e avós, na base de “se você não obedecer, mando um *Paracanã* pegar você”. Em toda a extensão dos 117 quilômetros da velha Estrada de Ferro Tocantinópolis, que teve a sua construção várias vezes interrompida por causa dos ataques dos índios brancos, os moradores temem a vizinhança dos *Paracanãs*, que são apontados por *gateiros* e madeireiros como verdadeiros gigantes, dotados ainda de especial disposição para saquear ou massacrar civilizados.

O sertanista João de Carvalho, com 25 anos de serviço público na selva, não concorda com essa tese:

— Nenhum índio saqueia ou mata por prazer. No caso particular dos *Paracanãs*, eles não gostam de “civilizados” porque já foram assassinados e envenenados por muitos *gateiros*. No fundo, os índios agem como as crianças: sentem grande medo de pessoas malvadas e geralmente matam por causa desse medo.

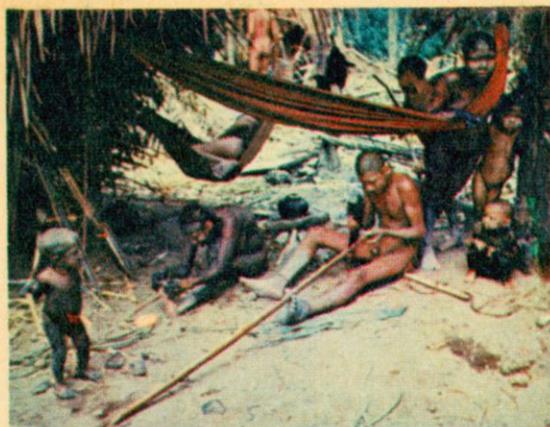
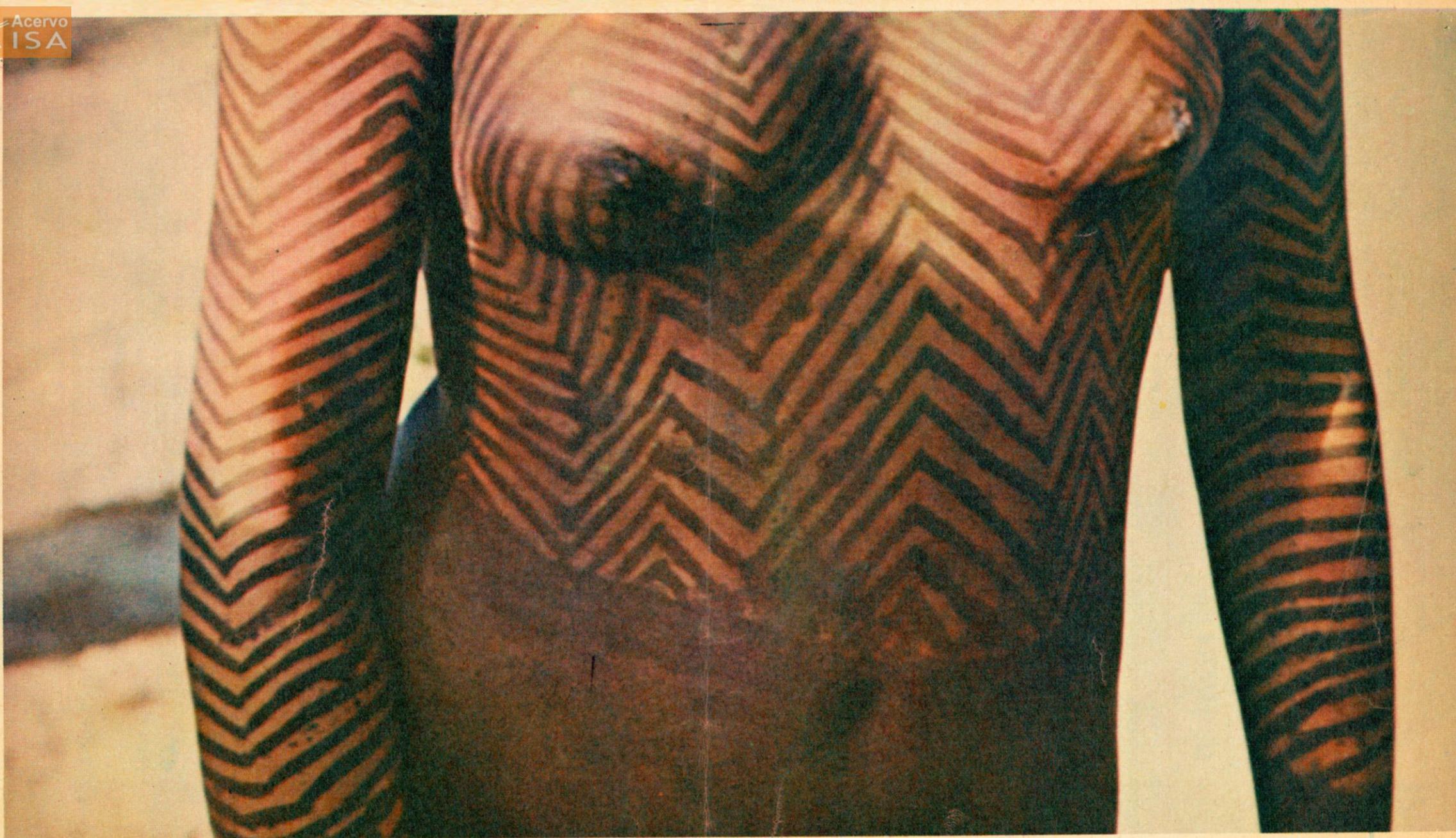
Há cerca de três meses, um grupo armado de *Paracanãs* visitou um acampamento da firma Construtora Mendes Júnior, numa trente de trabalho da Transamazônica. *Confiscaram* alimentos e alguns objetos, raspam a cabeça e as sobranças dos operários com *capim-navalha*, mas não feriram ou mataram nenhum trabalhador, muito embora alguns destes quase tenham morrido de medo.

— Os *Paracanãs* são ótimos — informa João de Carvalho — e de boa índole. A prova é que vivem em harmonia, num regime de autêntica comunidade. E tratam as crianças e os velhos com grande respeito.

PLANO INTEGRADO PARA PROTEGER OS ÍNDIOS DA ÁREA DA TRANSAMAZÔNICA

A inesperada incursão dos *Paracanãs* ao acampamento da turma de topografia da Mendes Júnior deve ter funcionado como semente na imaginação de alguns caboclos mais apavorados, muito em particular uma certa imagem fantasmagórica que ficou na retina de um matreiro contratado para derrubar árvores:





*Cada homem Pa-
racanã tem direito
à posse de uma só
espôsa, mas pode
ter também duas
outras “amigas”*

— Eu vi um *Paracanã* de quatro metros de altura!...

— De quantos metros?

— Quatro metros de altura, coronel, juro pela alma de minha mãe!...

Este diálogo foi travado entre o tal derrubador de árvores e o coronel Clodomiro Bloise, delegado especial da Funai, da Base Logística de Pucuruí, núcleo distante 67 quilômetros da cidade paraense de Tucuruí. Esta base tem a função estratégica de dar cobertura aos empreiteiros da Transamazônica na área do Médio Tocantins.

— Os *Paracanãs* são realmente altos,

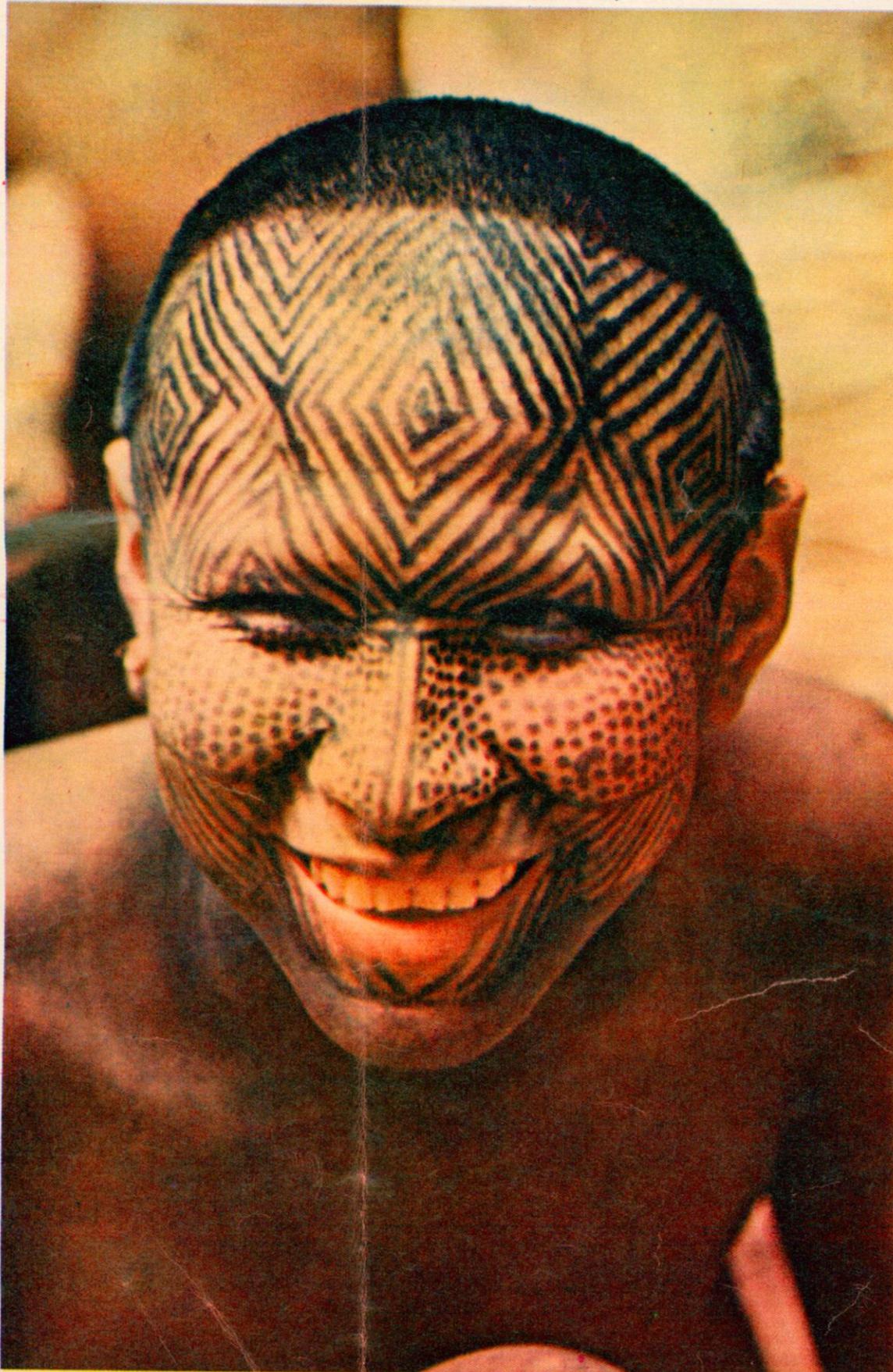
mas o medo e a imaginação desses caboclos triplicam a estatura desses índios. E o pior de tudo é que também levam o pânico aos outros trabalhadores.

Hoje com 56 anos de idade, herói como *pracinha* na Itália e reformado com 37 anos de FAB “sem nunca ter tido uma punição”, o coronel Bloise está engajado há quase um ano no espinhoso trabalho de facilitar o caminho dos pioneiros que estão abrindo a Transamazônica e também tornar possível a adaptação dos milhares de colonos que o Incra está transportando do Sul do país. Esta missão é de caráter prioritário e faz parte do plano tático da empreitada da gigantesca estra-



O "cigarro" Paracaná é de uso coletivo e mede até um metro de comprimento. Chega a durar 16 horas

As mulheres índias são bonitas e muito bem-humoradas, ao contrário dos homens.



da, numa missão delicada de vanguarda para conquistar a simpatia das tribos ainda desconhecidas ou mais arredias, como a dos tenguários Paracanas. Para atender a uma população calculada em cerca de 100 mil índios, a Funai mantém 117 postos espalhados no território nacional, sendo que dois terços da população indígena brasileira se concentram na Amazônia.

Tendo por bandeira o lema de Rondon, "Morrer, se preciso fôr; matar, nunca", diversas frentes de penetração da Funai (compostas de sertanistas, enfermeiros, intérpretes, assistentes sociais e caboclos) anteciparam-se aos trabalhos de abertura da Transamazônica, muito antes de ali chegarem as primeiras turmas de topografia das firmas construtoras. Nada está sendo feito de improvisado. Cuidadoso planejamento de aproximação e de assistência ao índio foi elaborado com a ajuda de cientistas sociais do Museu Goeldi (Belém) e de médicos sanitários do Ministério da Saúde.

O primeiro encontro solene da equipe de penetração da Base Logística de Pucuruí com os índios Paracanás foi malbaratado porque os intérpretes não conheciam o dialeto dos índios brancos ou porque talvez tenham ficado mudos de medo. A equipe da Funai foi surpreendida e cercada pelos Paracanás no dia 16 de outubro do ano passado. Os índios agiram rápido, com violência, mas não mataram ninguém. Em compensação, levaram tudo o que puderam, inclusive as armas de fogo.

**PELE BRANCA, ALTA ESTATURA,
CABEÇA RASPADA
A CAPIM E DENTES PERFEITOS**

O segundo encontro ocorreu no dia 30 de novembro. Mas desta vez a equipe da Base de Pucuruí estava acrescida de mais dois sertanistas experientes: Osmundo Antônio dos Anjos e João de Carvalho, sendo que este último tinha sido requisitado da aldeia dos índios Urubus (Rio Gurupi) por seus dotes de coragem e conhecimento de dialetos indígenas.

— Fazia uns dez dias que acompanhávamos o rastro dos Paracanás, quando fomos surpreendidos por eles numa pequena clareira. Estávamos totalmente cercados e eles nos apontavam as suas flechas, com os arcos retesados. Tentei um desesperado diálogo aos berros, explicando que a nossa missão era de paz e que transportávamos presentes bonitos para eles. Tive que repetir inúmeras vezes as mesmas frases. Quando eles baixaram as flechas, eu já estava rouco de tanto gritar.

O "namôro" de João de Carvalho com os Paracanás evoluiu até que o sertanista foi "convidado" a conhecer a aldeia indígena. Mas teve de sujeitar-se a duas exigências: fazer um percurso de cinco horas dentro da selva em trajes de Adão e



Três gerações de Paracanãs. Eles sabem de muita coisa, mas falam muito pouco.



set acompanhado por uma escolta de guerreiros com as ríechas armadas nos respectivos arcos. Depois disso, João vai conquistando pouco a pouco a confiança dos *Paracanãs*, merecendo destes a respeitosa referência de "Muiruiru", que pode significar *Chere, Pai ou Mestre*. Agora, a relação entre o sertanista e os *Paracanãs* funciona na base do diálogo sem medo:

— Foi bem ali que vocês quiseram nos matar!

João aponta a pequena clareira. *Kauputire*, o jovem e forte filho do capitão *Araquitá*, faz uma careta de boca arreganhada e balança a cabeça significativamente. Aproveito para observar os dentes amarelos (perfeitos) e a estatura do futuro chefe dos índios brancos. Com base na minha altura (1,68 m) e do fotógrafo Vieira de Queiroz (1,71 m), *Kauputire* deve ter 1,75 m, que é a média de altura dos homens *Paracanãs*. Mas há pelo menos uns seis deles que ultrapassam a 1,80 m, principalmente o gigantesco *Inatiquira*.

As mulheres *Paracanãs* são de baixa estatura, de corpo e dentes perfeitos, o que não é muito comum em populações indígenas. *Jurumun, Aminorã e Corona*, as mais bonitas, trazem no corpo nu simétricos desenhos negros feitos com tinta de jenipapo. Os homens preferem cobrir a pele com o *urucu* vermelho. Eles sorriem facilmente, mas evitam, desconfiados, a máquina fotográfica de Vieira de Queiroz, que consegue trabalhar mais à vontade com as mulheres e as crianças.

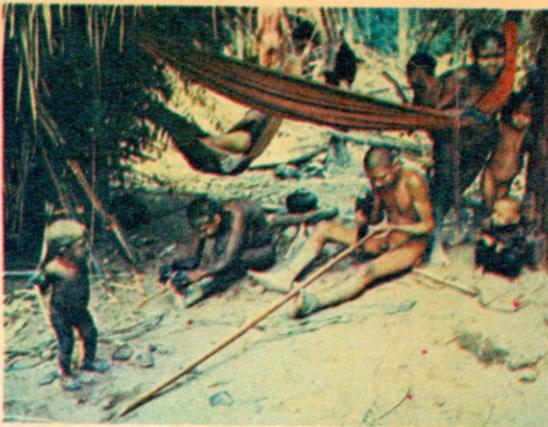
— Eles só perderão a desconfiança com o tempo.

João de Carvalho sabe que é preciso paciência. Tudo deve ser feito para desestimular a desconfiança natural dos *Paracanãs*. Todo cuidado é pouco.

— Por causa de um sanitário que construímos no nosso acampamento, de paredes e teto de palha, eles vieram armados com as suas flechas no outro dia, pensando que era uma *tocaia*, parecida com a que eles fazem para caçar veados e antas. E só arriaram as flechas depois que derrubamos as paredes do tal sanitário.

OS PARACANÃS NÃO CONHECEM A FOME PORQUE SÃO EXCELENTES LAVRADORES

Os índios brancos do Tocantins dão-se ao luxo de possuir três aldeias para habitar, transferindo-se coletivamente de uma para outra de acordo com as condições de tempo (verão e inverno) ou de trabalho, particularmente na fase do plantio ou da colheita. São hábeis na agricultura e sabem aproveitar a força da terra. Consomem a curto prazo praticamente tudo do que plantam: batata-doce, fumo, algodão, mandioca, aipim (macaxeira), milho e batata-cará. Desconhecem a cana-de-açúcar



“Anourin” quer dizer “não”, mas raramente esta palavra é usada na vida harmoniosa dos índios brancos

Desde pequeninas, as crianças índias têm a cabeça raspada e seus corpos pintados.



e o café. Preparam beberagens de ervas misteriosas, mas se recusam a falar sobre esses chás. Ao contrário da maioria dos índios, não preparam bebidas com teor alcoólico.

— Eles plantam o ano inteiro, no tempo das chuvas e no tempo da seca. No momento, estão trabalhando em cinco roçados... — informa João de Carvalho enquanto estica o braço com a mão aberta para receber uma batata doce fumegante que lhe oferece Araquitá.

Enquanto João faz um bico com os lábios soprando sobre a batata que dança em suas mãos, Araquitá mastiga velozmente uma enorme batata-doce quente. Observo a cena e fico admirado. O chefe índio já se prepara para devorar a segunda batata quente, com casca e tudo. João, ainda soprando sobre a sua primeira batata-doce fumegante, percebe a minha cara de espanto e explica:

— Tudo que eles comem feito no fogo é assim, engolem quente que nem brasa. Não entendo como esse hábito não estraga os dentes deles.

De aparência física sadia, sem os ventres inchados que caracterizam a maioria dos índios brasileiros, os Paracanáns comem de tudo que a terra lhes dá, além da caça que é abundante na região. Só têm preconceitos contra os macacos, os tamanduás e as aves noturnas. Adoram peixe, principalmente traíra e poraquê, peixe-elétrico que dá muito nos igapós e igarapés da região. Mas os índios brancos têm dois grandes fracos em matéria de alimentos. Primeiro pelo mel de abelha. Segundo pelos tapurus, espécie de verme branco de cabecinha preta que dá no interior dos coquinhos babaçus.

Os Paracanáns gostam de oferecer suas especiarias, mas não aceitam qualquer alimento da mão de um civilizado, com exceção de farinha em panela ou em saco, mas mesmo assim exigem que o “turi” prove primeiro. Nutrem tanto medo por veneno que evitam beber a água corrente e fresca dos inúmeros igarapés que cruzam o seu território: só bebem água de cacimba, muitas vezes abertas com as mãos. Neste particular temem o mortífero timbó, cipó venenoso utilizado por algumas tribos quando querem envenenar a água dos rios ou dos igarapés, provocando uma matança geral dos peixes.

Ricos de conhecimentos da lavoura, os Paracanáns são muito pobres na fabricação de artefatos artísticos. Não fabricam os conhecidos adornos de penas de outras tribos. Até mesmo as suas flechas são simples. No que se refere à cerâmica, limitam-se a confeccionar pequenos utensílios para uso imediato.

— “Me a upintá!” (Vou te raspar a cabeça!)

Concordo, humildemente, com a decisão de uma gorda senhora *Paracanã*, que já está com um pedaço de *capim-navalha* em punho. Sugiro o uso de uma gilete, novinha, que trago comigo. Sento num tóco e curvo a cabeça dócilmente. A índia fica de pé e as suas mãos começam a trabalhar rápido. Não sinto nenhuma dor. Cronometro: a *operação raspa-cabeça* dura, exatamente, 10 minutos, incluindo a raspagem das sobrancelhas. A cerimônia é complementada pela sessão de *urucu* no meu corpo. A índia cospe na cuia para tornar mais eficiente a tinta vermelha da semente do urucuzeiro. Agora devo ter o mesmo cheiro dos *Paracanãs*. Devo estar horrível. Pelo menos me sinto assim.

— “Me paché...” (Meu amigo).

Como *Shaianum* me escalou para seu amigo de fé, sou convocado para passar algumas horas com êle e a espôsa, na sua minúscula casa, onde há duas rêdes penduradas, bem juntinhas. A jovem espôsa de *Shaianum* está inteiramente à vontade na sua rêde. *Shaianum* me convida para sentar ao lado dêle, na outra rêde. A índia me examina com as mãos, o que me provoca calafrios. Resta o conforto da informação de João de Carvalho de que o homem *Paracanã* não sente ciúmes da mulher.

— “Êles são inteiramente inocentes em assunto de sexo...”

A situação fica cada vez mais difícil, pois João não está por perto agora. Lembro de que os *Paracanãs* gostam de música de dança. E começo a cantar a todos os pulmões. A família de *Shaianum* fica encantada. Depois sapateio e marco o compasso com palmas. O *Paracanã* é paupérrimo em matéria de instrumentos musicais, não conhecendo inclusive o tambor ou outro similar. E assim viro sucesso na aldeia...

Todos êstes fatos tornam mais difícil a hora da despedida. *Shaianum* me dá uma rêde e uma flecha. Há lágrimas nos seus olhos: índio também precisa de amigos.

— “Me paché...”

Peço ao *Papai Noel* João de Carvalho que traduza uma consolável mentirinha natalina:

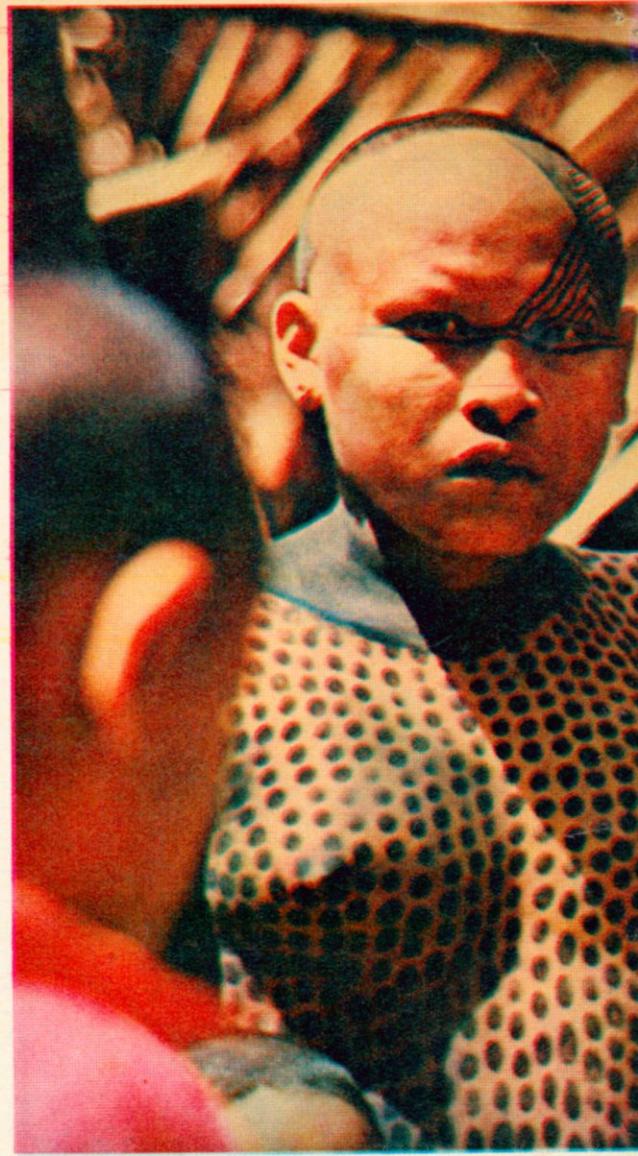
— Diga a êle que eu vou voltar, cheio de presentes...





Para eles, os brancos são "turis". Também têm a pele branca, mas ainda não se tem notícia de sua origem

O sertanista João de Carvalho também teve cabeça raspada: é amigo e ama os índios.



Eles são desconfiados e arredios, sobretudo. Os homens caçam e às vezes guerreiam, mas

BREVES ANOTAÇÕES NA CANSATIVA VIAGEM ATÉ A ALDEIA DOS LENDÁRIOS PARACANÃS

TÉRÇA-FEIRA, 3 DE AGOSTO

A saída de Belém está marcada para as 7 horas. Fica transferida para as 10, mas o Beechcraft PT-BXD "Baron" só levanta vôo do aeroporto de Val-de-Cães às 12h25min, devido a uma série de problemas e imprevistos. O táxi-aéreo sobrevoa a amarela e gigantesca Baía do Marajó. Depois, gira à esquerda, rumo Sul. Faz 10 minutos que deixamos a capital paraense, mas já estamos sobrevoando a selva, compacta, verde-acinzentada, cortada aqui e ali por rios sinuosos, amarelados. Voamos no rumo de Tucuruí, velha cidade paraense do Médio Tocantins. Mas nosso avião vai descer num campo improvisado e aberto em plena selva, à margem da Transamazônica: Repartimento. Somos quatro passageiros: o coronel Clodomiro Bloise, o sertanista João de Carvalho, o fotógrafo Vieira de Queiroz e eu. O céu está pejado de nuvens e o avião joga de lado, como se estivesse bêbedo. O balanço continua até baixarmos de altitude. Agora já é visível a Transamazônica, uma

linha amarela, sinuosa, cortando a selva esverdeada. Sobrevoamos Tucuruí, deixamos o Tocantins para a esquerda e rumamos para o Repartimento. Quinze minutos depois sobrevoamos o Rio Pucuruí. Aparece uma clareira branca à margem da estrada e o avião imbrica. Pousamos, exatamente, às 13h49min. O campo improvisado é da Construtora Mendes Júnior, por isso somos recepcionados festivamente pelo engenheiro Fernando Antônio Diniz, mineiro puro, nascido em Curvelo. Há máquinas pesadas e 700 trabalhadores no acampamento. O trabalho é diuturno, pois a Transamazônica já é uma realidade pelo meio. Almoçamos e partimos de jipe por um caminho aberto na selva. Chegamos à base de Pucuruí às 16h15min. Tudo é novidade.

QUARTA-FEIRA, 4 DE AGOSTO

Acordamos cedo. Partimos de trolley sobre os trilhos da velha Estrada de Ferro Tocantinópolis, que atravessa a selva para ligar Tucuruí a Jatobal, duas cidades até





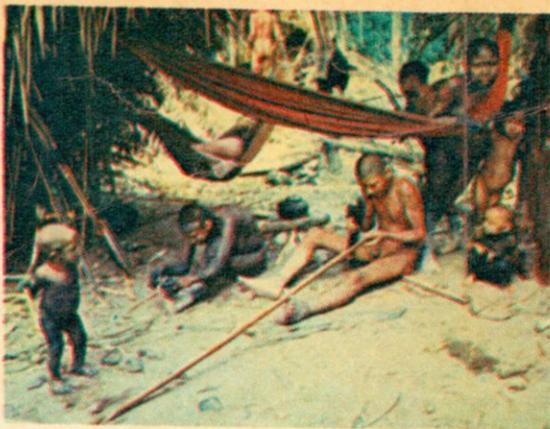
quando se trata de pessoas estranhas. Sabem contar até 10 por causa dos dedos da mão. a missão das mulheres é de amor e trabalho. Chamam a Lua de Charria e o Sol de Corai.



então perdidas à margem do Tocantins. A estrada tem 81 anos, mas está no fim. Por aqui já houve progresso, estimulado pela febre do ouro e dos diamantes. Já apareceu muito aventureiro ambicioso, mas os Paracaná se encarregaram de internizar a vida deles. Nosso trolley é desconfortável, pois não há ponto de apoio para encostar o corpo: é uma espécie de canoa quadrada sôbre trilhos, impulsionada por cinco varas compridas. Na gíria local, êsse movimento de impulsionar o veículo chama-se "remar". Atravessamos horas uma mata fechada, ornamentada em todo o trajeto por babaçuzeiros. "É o maior babaçuzal do mundo!" — afirma o coronel Bloise. Há muitos pássaros grandes no caminho, inclusive gaviões e papagaios. O coronel Bloise experimenta a pontaria com o seu rifle 22: não erra uma. "Vamos levar penas para enfeitar as flechas dos Paracas." O coronel é bem-humorado. Por isso, torna a viagem mais leve. Paramos para almoçar num vilarejo de palha chamado Remansão. O coronel compra quase uma tonelada de mercadorias e alimentos para os índios. O sorte da encomenda são 10 paneiros de farinha e seis caixas de machados. Prosseguimos quase sem espaço para sentarmos no trolley, que geme nos trilhos como se estivesse protestando. Chegamos na ponte do Rio Bacuri com o sol já bem baixo. Agora a viagem vai ser de canoa, contra a correnteza. Dormimos num rancho, com as rês esticadas paralelamente. Faz muito frio de madrugada.

QUINTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO

Atrasamos um pouco a partida da ponte do Bacuri porque uma das canoas está furada, fazendo água. João de Carvalho surpreende, demonstrando a sua habilidade de carpinteiro: um bom sertanista tem que saber um pouco de tudo. E êle é um bom sertanista. Lembro que Jesus foi bom carpinteiro e com certeza também seria um bom amansador de índios. São 8h20min: afinal partimos, com duas canoas carregadíssimas. Parece incrível que consigam levar tanta coisa, inclusive nós. A correnteza está forte, mas vamos vencendo o curso d'água em boa velocidade. Os remeiros e varejeiros, empregados da Funai, cantam, alegres. Êles também fazem parte do contingente de heróis anônimos que estão redescobrendo a Amazônia. São êles: Antônio Alves da Silva ("Mearim"), Gildo da Cunha, Libório Tembê, Gerson Carvalho e Apuí, êste último índio da tribo dos Assurini. Às 11h30min paramos sôbre uma linda pedra preta para engolir alguma coisa. Bolachas e carne em conserva descem com dificuldade. Os remeiros e João de Carvalho acrescentam um acessório alimentar: o chibê (água e farinha). Ainda há alegria, estimulada pelo humor do coronel Bloise. Com jeito, êle coloca apelido em todos, inclusive em si próprio: "Velho". O João é o "Chibêzeiro", o Vieira de Queiroz é o "Bode Velho" (por causa da barbicha) e eu sou o "Gordo". Desde 10h30min que saímos do Bacuri e estamos subindo agora o igarapé do Lontra. A alegria dos remeiros diminui no período da tarde. As fôrças se exaurem, pois várias vêzes nossa canoa é arrastada no braço sôbre as pedras das corredeiras e



Há 4 troncos na fala indígena: tupi, aruak, karib e macro-jê. O dialeto Paracanã (tupi) é pobre como sua arte

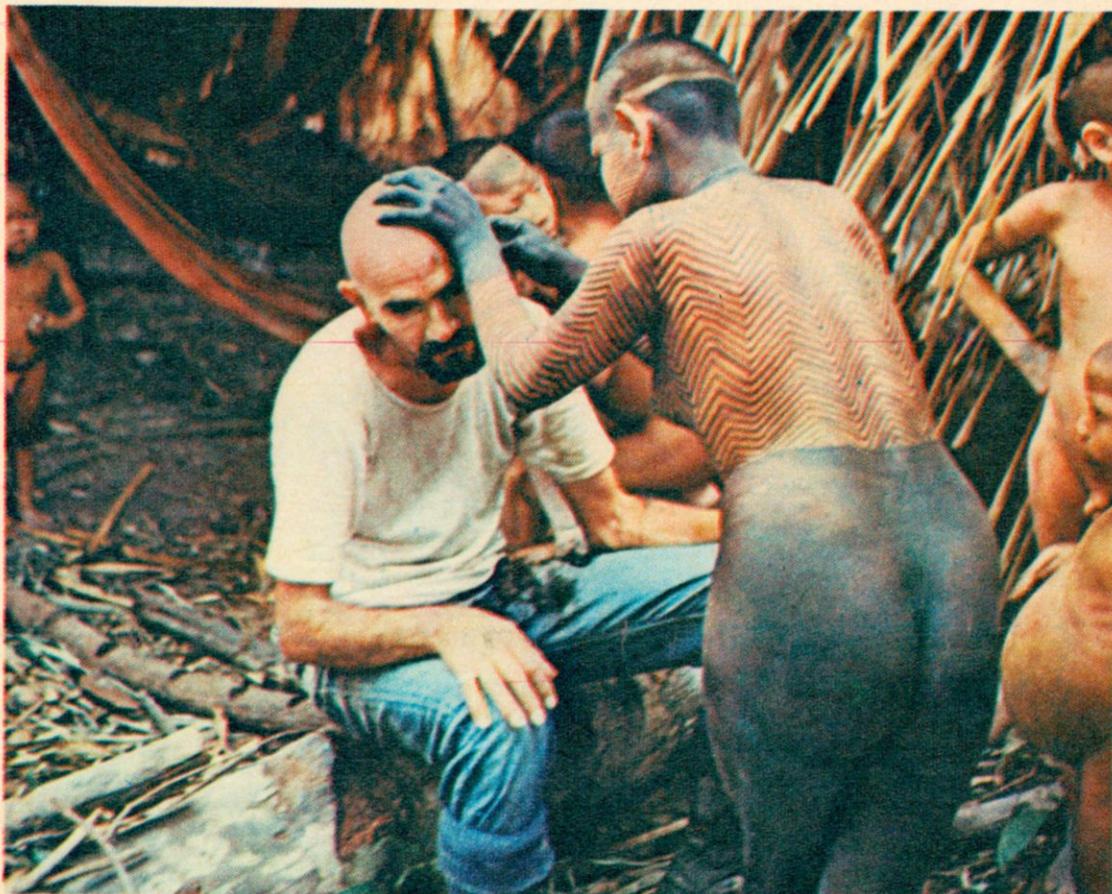
sobre enormes troncos. Jantamos e dormimos no Caetetu: mato puro.

SEXTA-FEIRA, 6 DE AGOSTO

Levantamos às 6 horas, sob total escuridão. Acho estranho, pois aqui é verão. O humor do coronel continua firme. Ele sabe comandar e se comunicar como ninguém: "Sou praça velha, Gordo!". Queiroz dormiu mal: ouviu uma onça esturrar perto de sua rede. Mas onça não quer nada com fogueira. E dormimos com fogueira pertinho. Na selva, fogueira é sinônimo de segurança e conforto. Afasta as feras e esquenta o corpo da gente contra a triagem úmida, pegajosa. Partimos do Caetetu às 7h15min, depois de um desjejum de café (com pó), bolacha e chibé. Ganhamos mais um remeiro: o caboclo Gregório, que veio por terra e se incorpora à comitiva. As corredeiras, os galhos, os espinhos, o perigo das cobras, dos jacarés, das arraias e dos poraquês, somados ao cansaço conseguem abater o ânimo dos remeiros, que pouco falam e muito menos cantam. Na maior parte dos trechos, o igarapé não tem dois metros de largura. E há uma verdadeira muralha de árvores gigantescas às margens do Lontra, principalmente de altas castanheiras. Os Paracanãs ainda estão longe. O desconforto, as descidas e algumas quedas nas pedras lisas das corredeiras, além do cansaço, começam a afetar o meu ânimo. Ensopado da cabeça aos pés, já ganhei na barriga e nas pernas alguns dolorosos arranhões. A rotina das refeições é a mesma de ontem. O coronel Bloise mata com o seu rifle algumas traíras, que vão enriquecer o nosso jantar. Um caboclo mata uma onça-pintada quase na nossa frente, numa curva do igarapé. Às 18h15min, paramos: cansados, molhados, com a noite começando a chegar. O lugar se chama Espírito Santo, mas também é mato, só mato.

SÁBADO, 7 DE AGOSTO

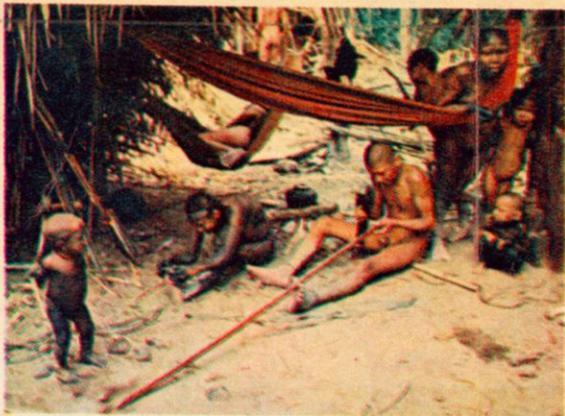
Hoje a luz chegou mais cedo: às 6h30min. O coronel Bloise acorda preocupado. A viagem já está atrasada e não podemos prosseguir sem o experimentado sertanista, o maior e talvez o único amigo dos Paracanãs. O coronel lamenta o atraso, pois terá que voltar. O general Bandeira de Mello, presidente da Funai, chegará a Pucuruí na terça, em viagem de inspeção. E o coronel tem que estar lá. Ele já



O fotógrafo Vieira de Queiroz não conseguiu escapar à "operação raspacabeça".

O repórter Fernando Pinto também ficou sem os cabelos e sem as sobrancelhas.





Êles raspam a própria cabeça, mas não sabem explicar como e quando começou essa estranha 'moda' entre os da sua tribo



Para chegar até o território dos índios foi necessário vencer inúmeros obstáculos. A onça-pintada que foi abatida à margem do igarapé do Lontra: a pele é o troféu.



conseguiu chegar até a aldeia dos Paracanáes no mês passado, mas desta vez não vai dar tempo. No Espírito Santo, encontramos o índio Teimbé, Nelson e José Rodrigues, ambos também trabalhadores da Funai. Êles estão lotados no pôsto indígena dos Paracanáes, nossa próxima etapa. A canoa de João chega às 9h45min. Despedimo-nos do coronel Bloise e partimos às 10h30min. Êle me adverte, depois de um abraço apertado: "Gordo, tu vai comer o pão que o diabo amassou." A viagem, agora, é por terra, com sacola às costas. Enveredamos por uma picada quase invisível na mata. João avisa que os Paracanáes costumam andar por aqui e poderão aparecer. Já estou quase morto de cansaço. A minha sacola está pesando quase uma tonelada. Às 15h30min, sofremos verdadeiro assalto no meio da selva: são os Paracanáes. Êles saem de todos os lados. São brancos, altos, mas cheiram a bicho. Um dêles arranca o meu facão da bainha e tenho a impressão de que vai me decapitar. Êles nos despojam de quase tudo, sem pedir licença. E ainda temos sorte por estar com João. Depois do assalto, somos escoltados até o pôsto da Funai, onde chegamos às 16h50min. Estou mais morto do que vivo e me sinto bastante amedrontado. Os Paracanáes seguem para a sua aldeia.

DOMINGO, 8 DE AGÔSTO

No acampamento, recebemos a solidariedade de Lauro Menescal e de Reinaldo Braga, substituto de João de Carvalho, ambos também integrados na missão difícil de conquistar os Paracanáes. Menescal faz curativos nos meus pés inchados e enfaixa os meus tornozelos. Há um túmulo índio no acampamento, que antes foi roçado dos Paracanáes. João me diz que os índios brancos, ao contrário da maioria das tribos, não têm medo dos mortos. Acreditam num deus especial e admitem a existência dos espíritos, particularmente dos espíritos maus ("Anhangüeras"), incorporados nas aves noturnas. João já fez muitas perguntas sôbre a religião dos Paracanáes, mas êles pouco respondem. Partimos às 7h30min, rumo à aldeia dos Paracanáes. Meu corpo está moído e estou quase nu: só tenho a roupa do corpo, suja. Meu Taurus 32 fica escondido no acampamento e me sinto ainda mais nu. O caminho agora é escorregadio e cheio de altos e baixos. Começam os tombos e os tropeções nos tocos. É o tal do inferno verde. Já estou prestes a desmaiar. Estamos perto da aldeia. Chega uma reforçada escolta de Paracanáes. Sei que êste grupo é de 125 índios, mas para mim são mais de mil. Há um dêles que tem a pele mais clara do que a minha e tem a barba ruiva. O nome dêle é Tucumanqüera. João diz que hoje é domingo, Dia dos Pais: Lembro, carinhosamente, dos meus filhos Fernando, Daniel, Cecília, Carlos e Paula. Na certa, êles compraram presentes: provavelmente uma gravata, um chinelo, um sabonete, um vidro de colônia ou talvez um chaveiro dourado. Mas, por enquanto, tenho que me consolar com o presente profissional de ter atingido o nosso objetivo: a aldeia dos índios brancos Paracanáes, personagens reais de uma lenda na selva.